

Julian Jaynes e Intervoice: apontamentos sobre ouvir vozes

Marciana Zambillo¹

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. Brasil.
E-mail: marcianazambillo@gmail.com

Recebido em: 07 jan. 2019. Aceito em: 23 fev. 2019.
DOI: <http://dx.doi.org/10.21674/2448-0479.52.101-104>

Resumo

Este trabalho investiga como as teses do psicólogo Julian Jaynes influenciaram na criação da Rede de Apoio Intervoice. Para tanto, fez-se um resgate histórico por meio da revisão bibliográfica. Jaynes questiona a concepção modernista de autoconsciência e argumenta sua existência como experiência intersubjetiva. Sua obra, bastante controversa, influenciou fortemente o movimento Intervoice, uma rede internacional de apoio a pessoas que ouvem vozes, presente em diversos países, que pretende despatologizar a audição de vozes e entendê-la como uma experiência humana. Tanto Jaynes quanto o Intervoice tem sido de interesse de cientistas brasileiros nos últimos anos.

Palavras-chave: Consciência. Grupos de apoio psicossocial. Diálogo interno.

Abstract

Julian Jaynes and Intervoice: notes on hearing voices

This work investigates how the psychologist Julian Jaynes's theory influenced the creation of the Intervoice Support Network. For that, a historical rescue was made through the bibliographic review. Jaynes questions the modernist conception of self-consciousness and argues its existence as an intersubjective experience. His rather controversial work has strongly influenced the Intervoice movement, an international network of voices supporters, present in several countries, that seeks to depathologize the hearing of voices and to understand it as a human experience. Both Jaynes and Intervoice have been of interest to Brazilian scientists in recent years.

Keywords: *Consciousness. Psychosocial support groups. Internal dialogue.*

Introdução

Há mais de quatro décadas Julian Jaynes lançava o controverso *The Origin of the Consciousness in the Breakdown of the Bicameral Mind* - A origem da consciência no colapso da mente bicameral (tradução minha), sua pesquisa usava materiais culturais antigos e defendia que a consciência emergia de um processo cultural. Anos mais tarde, a obra fez uma pessoa diagnosticada com esquizofrenia questionar o seu psiquiatra: por que as vozes que ouvia eram consideradas alucinações? O rumo dessa conversa se tornou a *Intervoice (The International Network for Training, Education and Research into Hearing voices)* (Rede internacional para Formação, Educação e Pesquisa sobre Ouvir Vozes) (tradução minha).

A *Intervoice* se inseriu em diversos países e mais recentemente no Brasil, primeiro país da América Latina

a compor a rede. As teses de Jaynes seguem controversas, muitas refutadas pelos estudos atuais, outras ainda inspiram pesquisas e produções artísticas como a série *Westworld* da HBO lançado em 2015.

O objetivo deste artigo é apresentar como se deu o encontro dessas duas potências por meio de um resgate histórico, para tanto, fez-se uma pesquisa bibliográfica.

Julian Jaynes e o silêncio dos deuses

Julian Jaynes (1920 - 1997), psicólogo americano e professor de Psicologia em Princeton, ficou conhecido pelo controverso *A origem da consciência no colapso da mente bicameral* (**tradução minha**). A obra que não tem edição brasileira, foi publicada pela primeira vez em 1976. A intenção de Jaynes era estudar a consciência. Por considerar mais fácil dizer o que ela não é, do que o que ela é (JAYNES, 1976), começa desmistificando as associações corriqueiramente mais atribuídas a ela: não é mentalidade ou percepção, não é cópia da experiência, não é necessária para a aprendizagem, nem sequer o é para pensar ou raciocinar. Para o autor, a consciência não foi necessária para um grande rol de atividades cotidianas na história evolutiva de nossa espécie. Jaynes inaugura, desta forma, uma linha de pesquisa que busca na arqueologia, literatura e artes antigas qualquer tipo de indicativo da presença de consciência na história e cultura mundial (GREER, 2016).

Damáio (2000) alerta que Jaynes investiga a consciência expandida pós-linguagem (capacidade de refletir sobre si mesmo, introspecção, narrar a própria existência), não devendo ser confundida com a consciência central, uma estrutura arcaica de percepção primária, similar em animais e humanos.

Jaynes (1976) argumenta que até cerca de 1200 a.C. os seres humanos eram incapazes de introspectar, relembrar, fazer planos, mentir. As decisões importantes, reflexões sobre o passado e perspectivas de futuro vinham como vozes dos deuses, não havia a voz interna que experimentamos atualmente.

Jaynes (1976) supunha que o cérebro era formado por duas câmeras, a parte abstrata das decisões e planejamentos se configuravam na câmera direita; a operacionalização se dava na esquerda. Esse processamento de dados, essa comunicação da câmara direita para a esquerda, no entanto, não se dava de forma automática e silenciosa: mas por meio de falações que eram então foram atribuídas às vozes celestiais. Um tipo de mentalidade que até 3 mil anos atrás era a mais comum e altamente adaptativa (GREER, 2016). Então o ouvir vozes apenas recentemente teria se tornado algo desajustado. Ouvir as vozes dos deuses é um vestígio de nossa neuroanatomia passada, a audição de vozes atual, segundo o autor, trata-se de fósseis daquilo que já fomos (JAYNES, 1976).

Jaynes (1976) defende a hipótese que a representação de algo parecido com 'eu' entre os símbolos de escrita não está presente. Quando compara a *Íliada* e a *Odisseia*, percebe que na primeira, os personagens não decidem, planejam ou fazem qualquer coisa sem a intervenção de uma voz. Os deuses são muito mais determinantes no curso da ação humana, gregos e troianos são representados quase como "fantoques" dos mandados divinos (GREER, 2016). Aquiles exemplifica uma personalidade do passado bicameral. É como se, como diz Sacks (2013), aquilo que a maioria de nós vivencia como pensamento acontecesse de forma sonora e falada para alguns.

Na *Odisseia*, Ulisses é capaz de enganar, tem noção de passado, estratégias e tenta conseguir o que deseja através de truques. É um personagem muito parecido com o sujeito contemporâneo: nós não ouvimos as vozes dos deuses, mas experimentamos um diálogo interno, um narrador autobiográfico, trata-se da assimilação linguística das vozes dos deuses em um único senso de self (JAYNES, 1976).

Jaynes justifica a unificação da mente bicameral como uma resposta adaptativa a uma série de estressores (terremotos, erupções vulcânicas, invasões) que exigiam uma mente mais eficiente. O "colapso" bicameral foi precipitado, para além desses fatores, por uma evolução no uso da linguagem que incluía a disseminação da escrita e o pensamento simbólico com paráfrases e metáforas. O pronome pessoal de primeira pessoa "eu" foi um operador fundamental para que a mente pudesse se referir a ela mesma, possibilitando a criação de um vocabulário mentalista com termos que se referem a estados privados (GREER, 2016).

Jaynes sustenta a noção de consciência como construção social em constante fluxo (RIBEIRO, 2014). A mudança apontada por Jaynes, ressalta Greer (2016), foi de ordem linguística e não biológica. A consciência nesta tese é produto da cultura e da linguagem, de mudanças culturais no uso da escrita e do idioma. Ainda que para haver consciência seja necessário ter cérebro, tê-lo é condição necessária, não suficiente.

Intervoice: Ouvindo vozes

Foi o livro de Jaynes, segundo Barros e Serpa (2014), que interessou Patsy, uma das fundadoras da *Intervoice*. No final da década de 1980, na Holanda, Patsy Hage, diagnosticada com esquizofrenia e ouvindo vozes desde a infância, diz ao psiquiatra Marius Romme que a partir da obra conseguiu atribuir significado para a experiência de ouvir vozes. Romme sugeriu que Patsy encontrasse outras pessoas que ouvissem vozes e discutisse com elas suas ideias. Segundo a antropóloga Luhrmann (2012), Romme não estava interessado na teoria de Jaynes, mas notou que atribuir significado às vozes fazia diferença para quem as ouvia.

Em 1987, Romme e Patsy participaram de um programa televisivo muito popular na holandesa. Eles pediram aos telespectadores que lessem a obra de Jaynes e lhes enviassem cartas contando suas experiências. 700 pessoas lhes procuraram, das quais 450 disseram ouvir vozes. Destas, 300 afirmaram não saber como lidar com as vozes, e 150 afirmavam ter descoberto alguma maneira de, pelo menos, manter as vozes sob controle (LUHRMANN, 2012). Para reunir estas pessoas, organizou-se um workshop em Utrecht (BARROS; SERPA, 2014). Deste encontro, nasceu a organização de suporte mútuo: *Ressonance Foundation*. Ainda em 1987 Romme e Sandra Escher fundaram o *Hearing Voices Movement / Movimento de Ouvidores de Vozes*. Para divulgar e promover a discussão da temática, foi criada uma organização formal de apoio administrativo e coordenação internacional, dirigido por um conselho de pessoas que ouvem vozes e profissionais: a *Intervoice* (BARROS; SERPA, 2014)

Atualmente existem redes de ouvidores de vozes em 26 países. O Congresso Mundial e o Dia Mundial de Ouvidores de Vozes são organizado anualmente (BARROS, SERPA, 2014). No Brasil, desde 2015 são realizados congressos sobre a temática.

Os grupos de ouvidores de vozes se embasam na perspectiva da ajuda interpares. É um sistema de dar e receber ajuda baseado nos princípios de respeito, corresponsabilidade e acordo mútuo. Busca a compreensão empática por meio do compartilhamento da dor emocional. Pretende normalizar o fenômeno, defendendo que ouvir vozes é uma experiência humana (BAKER, 2015).

Materiais e Métodos

Pesquisa teórica, com abordagem qualitativa, caracterizando-se como bibliográfica. Examina a influência da teoria da mente bicameral de Julian Jaynes para criação da Rede de Ouvidores de Vozes, tem como objetivo, portanto, fazer um resgate histórico.

Resultados e Discussão

Para Greer (2016), Jaynes deslocou a concepção modernista de consciência como algo da natureza e forneceu uma explicação alternativa: a consciência não existe como uma função cerebral e, como uma experiência fenomenológica, só pode existir intersubjetivamente. Evidentemente, diz Greer (2016), os fatores biológicos desempenham papel importante, a evolução da comunicação e da linguagem em seres humanos é algo genético e biologicamente fundamentada, mas a consciência tem uma ligação direta com a linguagem e pode ser considerada uma prática social.

As controvérsias na teoria de Jaynes são apontadas pelas tecnologias de imagem, pesquisas neurocientíficas dedicadas à análise laboratorial e pelo ponto de vista evolutivo (GREER, 2016; DAMÁSIO, 2010).

O rastro seguido até aqui diz que a experiência de ouvir vozes mantém uma relação íntima com a linguagem e com a consciência. Ambas, linguagem e consciência, não são estados mentais privados, mas compostos nas relações com o mundo a partir de um aparato corpóreo-humano que é necessário, mas não suficiente. Neste sentido, a produção investigativa sobre abordagens teóricas e técnicas em saúde mental da *Intervoice* é fundamental por apostar na atribuição de sentido e manejo que cada ouvitor pode dar ao seu ouvir de vozes, ampliando a capacidade autônoma e de inserção social destas pessoas.

Conclusão

O livro de Jaynes permanece relevante pela sua capacidade de inspirar análises ampliadas, colocar em questão nossa cultura e nossos hábitos. Jaynes veio de uma tradição com discurso naturalista e experimental

onde a consciência estava na cabeça; após uma longa e exaustiva pesquisa sistemática, ele não só questionou esses pressupostos, como também evitou a reificação da mente para explicar a consciência, rejeitando a tradição dualista ontológica de sujeito/objeto. Jaynes tornou a consciência um acontecimento, que como tal gestou muitas ideias transformadoras, como a parida por Patsy. A rede *Intervoice* é pioneira ao dar apoio e incentivar novas formas de cada sujeito relacionar-se com as suas vozes, num cenário em que os profissionais de saúde mental, normalmente, perguntam se o paciente ouve vozes, não o que as vozes lhe dizem.

Referências

BARROS, Octávia Cristina; SERPA JUNIOR, Octavio Domont de. Ouvir vozes: um estudo sobre a troca de experiências em ambiente virtual. *Interface*, Botucatu, v.18, n.50, p. 557-569, 2014.

BAKER, PAUL. **Abordagem de Ouvir Vozes**, 2015.

DAMÁSIO, António. **A Construção do Cérebro Consciente**. Tradução: Luís Oliveira Santos. Maia: João Quina, 2010.

GREER, Scott. The Last Modern Psychologist: Julian Jaynes' Search for Consciousness in the Natural World. *Journal of Cognition and Neuroethics*, n. 4, v. 1, p. 13–25, 2016. Disponível em: http://jcn.cognethic.org/jcnv4i1_Greer.pdf. Acesso em: 15 set.2018.

JAYNES, Julian. **The origin of consciousness in the breakdown of the bicameral**. Boston: HoughtonMifflin, 1976.

LUHRMANN, Tanya Marie. Living with voice: a new way to deal with disturbing voices offers hope for those with other forms of psychosis. *The american scholar*, summer, 2012. Disponível em: <https://theamericanscholar.org/living-with-voices/#.XC9ndIxKjIU>. Acesso em: jan. 2019.

RIBEIRO, Sidarta. The onset of data-driven mental archeology. *Frontiers in Neuroscience*, n. 8, p. 249, 2014. <http://doi.org/10.3389/fnins.2014.00249>

SACKS, Oliver. **A mente assombrada**. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

WESTWORLD [Seriado]. **Desenvolvedores**: Jonathan Nolan, Lisa Joy. Produção: Cherylanne Martin Michael Polaire, Carly Wray, Stephen Semel. Distribuição: Warner Bros. Television Distribution, 2016.